

APRESENTAÇÃO DO COLÓQUIO

por

Augusto Santos Silva

A passagem do 70º aniversário da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia constituiu, em 1988, um excelente pretexto para a realização de um debate público em torno destas disciplinas. O Colóquio de Antropologia Social, que decorreu no Porto, durante todo o dia 14 de Maio de 1988, procurou sê-lo.

Dois objectivos nos guiaram, então.

Um tem a ver com a história e o presente da Sociedade. Nascida inicialmente no quadro da antropologia física, ela abriu-se depois, progressivamente, a estudos de disciplinas sociais, em particular a etnologia e a etnografia, a arqueologia e a pré-história. O momento alto dessa abertura foi, sem dúvida, aquando da constituição, no Porto, do grupo de investigações etnológicas, animado por Jorge Dias, Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Enes Pereira. Em anos mais recentes, a renovação da Sociedade tem-se devido ao labor de investigadores que, oriundos do campo disciplinar da arqueologia, procuram enriquecê-lo com as contribuições específicas da abordagem antropológica. Era, pois, de todo o interesse para a dinamização da vida interna da Sociedade — propiciadora de uma redefinição da sua identidade própria — o debate interdisciplinar.

O segundo objectivo tinha a ver com a situação dos estudos antropológicos na área regional de implantação da Sociedade. A disciplina tem, no Norte, uma audiência que se vai alargando, mas escasseiam os especialistas profissionais, escasseia a formação de outros e os contactos entre os que existem são relativamente ténues. Ora, a Sociedade era e é um espaço institucional cuja vocação se cumpre na alteração deste estado de coisas e, nomeadamente, na cooperação regular e interessada dos antropólogos e estudiosos da antropologia nortenha.

O programa do Colóquio estava concebido de acordo com estas considerações. Não pretendendo ser um congresso nacional especializado, ocasião de

apresentação de múltiplos resultados de pesquisa e de balanço do estado da antropologia portuguesa, dirigido preferencialmente aos investigadores profissionais; optou por estruturar-se como ocasião de encontro mais caracteristicamente regional, em função, claro, de discussões teóricas actualizadas. O seu alvo era, por isso, um público alargado de interessados, a diferentes títulos, pela antropologia e empenhados no seu desenvolvimento, teórico e institucional.

Tratou-se de um dia de trabalho, com três debates em torno de temas genéricos. O primeiro tema — a análise antropológica de colectividades rurais — propiciava a abordagem de um objecto clássico da antropologia. A comunicação inicial pertenceu a José Manuel Sobral, investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. O segundo tema — o estudo da cultura material numa perspectiva antropológica — pretendia, além do mais, favorecer a relação entre antropólogos e outros estudiosos da cultura material, entre os quais se contam, justamente, os arqueólogos. A intervenção inicial pertenceu a Jorge Freitas Branco, professor do Departamento de Antropologia do I.S.C.T.E. Com o terceiro tema — as monografias locais na perspectiva da antropologia — pretendíamos interessar os estudiosos locais, como é sabido figura de grandes tradições no Norte, e cujo trabalho nos parece necessário, ao mesmo tempo, apoiar e actualizar.

O Colóquio mereceu uma elevada receptividade pública. Aos 90 participantes previamente inscritos juntaram-se cerca de três dezenas mais, no dia do Colóquio. E uma breve caracterização estatística, com base naqueles 90 inscritos, mostra bem que tinha sido sensibilizado, como queríamos, um público de interessados (mais vasto, portanto, do que o simples colégio de especialistas).

Público relativamente jovem (14% dos participantes tinham menos de 25 anos e 60% entre 25 e 39); com ligeira predominância das mulheres (que representavam 59% do total); com habilitações escolares de nível superior (69% diplomados em ciências sociais e humanas, 9% em ciências naturais ou belas-artes, 16% com frequência do ensino superior); e com uma relativamente dispersão geográfica (57% residentes no Grande Porto, 12% noutros concelhos da Região Norte, 18% no Centro, 9% no Sul). 62% dos inscritos não eram sócios da Sociedade, outro sinal da repercussão pública da iniciativa. Mas o facto mais importante, quanto à composição do público, é a distribuição por profissões/ocupações: 23% dos inscritos eram docentes do ensino superior, 17% do secundário, 2% do básico, 6% declaravam ser professores sem especificar o nível de ensino; 7% eram investigadores; 13% estudantes; 30% eram técnicos de administração pública e de serviços (havendo 2 ocupações não indicadas). Está-se a ver que o Colóquio conseguiu ultrapassar duas fronteiras: conseguiu passar para além dos profissionais do ensino superior, e conseguiu passar além dos professores. E a presença significativa de técnicas do serviço

social é um bom indicador da crescente sensibilização para a utilidade social da antropologia.

O debate foi vivo. Dele se publicam aqui, os registos possíveis. Com a consciência de que ele constituiu um bom momento de diálogo e de cooperação em torno de uma disciplina, a antropologia, e dos cruzamentos interdisciplinares que ela favorece e que a enriquecem, diálogo e cooperação que, noutros lugares ou sob outras formas, convinha prosseguir